

SANTIAGO, L. F. de O. “Isso aqui não é português”: axis da diferenciação nas ideologias linguístico-semióticas da política antigênero. *ReVEL*, v. 21, n. 41, 2023. [www.revel.inf.br].

**“Isso aqui não é português”:
axis da diferenciação nas ideologias linguístico-
semióticas da política antigênero^{1,2}**

*“This isn’t Portuguese”:
axis of differentiation in the linguistic-semiotic ideologies of anti-gender politics*

Lucas Felipe de Oliveira Santiago³

lucasfelipe@letras.ufrj.br

RESUMO: Neste artigo busco investigar, a partir de uma visão semiótica da linguagem, os processos de produção de sentidos na empreitada antigênero no Brasil a respeito da Linguagem Neutra. Parto dos conceitos de **Conjectura**, de **Comparação**, de **Perspectiva**, de ideologia linguístico-semiótica e de axis da diferenciação (**Rematização**, **Apagamento** e **Recursividade Fractal**). Para isso, tomo como objeto de análise um vídeo de intensa circulação nas redes sociais de uma deputada que denuncia o uso da Linguagem Neutra em uma escola localizada em Camaragibe - interior do Estado de Pernambuco. A partir dos dados, percebo como ideologias antigênero sobre a linguagem funcionam não como forma de proteger a língua, mas sim como sistemas hetero-cis-patriarcais constituídos na sociedade. Essas produções semióticas constroem projetos de securitização que invadem as esferas institucionais de poder do país com a criação de projetos de leis e vigilância como capital político, como ocorre no vídeo em questão da então deputada.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologias Linguísticas; Antigênero; Semiótica; Eixo de Diferenciação; Linguagem Neutra.

ABSTRACT: In this article I seek to investigate, from a semiotic view of language, the processes of meaning production in the anti-gender endeavor in Brazil regarding Neutral Language. I start from the concepts of conjecture, comparison, perspective, linguistic-semiotic ideology and the axis of differentiation (rhematization, erasure and fractal recursion). For this, I take as an object of analysis a video of intense circulation on social networks of a deputy who denounces the use of Neutral Language

¹ Agradeço ao CNPq e a Capes pela bolsa de pesquisa concedida.

² Agradeço ao Rodrigo Borba (PIPGLA/UFRJ) pelas sugestões feitas nos rascunhos analíticos deste artigo.

³ Doutorando pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – e pelo Programa de Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.

in a school located in Camaragibe - interior of the State of Pernambuco. From the data, I understand how anti-gender ideologies about language work not as a way to protect language, but as hetero-cis-patriarchal systems constituted in society. These semiotic productions build securitization projects that invade the institutional spheres of power in the country with the creation of bills and surveillance projects as political capital, as in the video in question by the then deputy.

KEYWORDS: Linguistic Ideologies; Antigender; Semiotics; Axis of Differentiation; Neutral Language.

Introdução

O mundo contemporâneo vem sendo marcado por diversas discussões que envolvem debates sobre gênero e sexualidade. Movidas por estudos e reflexões feministas em diversos âmbitos e vertentes, pessoas que não atendem às normas passaram a operacionalizar políticas de equidade dentro e fora das universidades. Ativistas em todo o mundo se mobilizam diariamente em busca de políticas que transformem necropolíticas⁴ cotidianas sobre os corpos vulnerabilizados. Em contrapartida, os avanços contemporâneos também abriram espaço para disputas ideológicas sobre o que deve ser considerado gênero. Em meio a pânico morais, impulsionados por visões que negam o gênero como construção social, ataques são mobilizados diariamente sobre o que se convencionou chamar “ideologia de gênero” (Borba, 2019).

Conforme Borba (2019), a partir do conceito do filósofo Mbembe, o trabalho ideológico disputado no âmbito das políticas antigênero no Brasil e em outras partes do mundo instaura sobre determinados corpos uma política da inimizade em que gays, lésbicas, pessoas trans, não binárias são tidas como inimigos da família, da infância e do Estado. Tais movimentos são colocados em prática a partir de estratégias retóricas pautadas em questões religiosas e conservadorismos materializados em linguagens políticas da extrema direita que traça os movimentos feministas e *queers* como imorais (Borba, 2019; Gal, 2021; Silva e Diziuba, 2022). Essa política antigênero se conecta em agendas transnacionais (Borba, 2022) que impactam diversas políticas públicas como bem mostra Silva (2022) em sua pesquisa sobre a gramática estatal do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Podemos citar alguns estudos, como os de Gal (2021) sobre o acoplamento de tais discursos antigênero sob rótulos como

⁴ Necropolítica é um termo cunhado pelo filósofo Mbembe (2018) que diz respeito a uma governamentalidade sobre os corpos que não é somente operacionalizada pela vida, mas também pela morte, isto é, a instrumentalização de políticas de morte.

“ideologia de gênero” na Polônia, de Lavizzari e Prearo (2018) sobre os movimentos “pró-família” e “pró-vida” promovido pela Igreja Católica na Itália, de Kováts (2016), Agnieszka e Elżbieta (2022), Partenotte e Kuhar (2017) sobre a democracia liberal na empreitada antigênero na Europa. Essas políticas se espraiam para todo e qualquer ativismo que busque provocar as matrizes cis-hetero-patriarcais, como os usos linguísticos inclusivos conhecidos amplamente como Linguagem Neutra – algo que esse artigo busca investigar.

Essas estratégias, a meu ver, são formuladas por um engenhoso trabalho semiótico de diferenciação que forjam hierarquias e assimetrias nas quais participam processos históricos, culturais, sociais e políticos, visto que é a partir do trabalho ideológico de diferenciação que “os participantes e observadores moldam sua compreensão das variedades linguísticas e mapeiam essa compreensão em pessoas, eventos e atividades” (Irvine e Gal, 2000, p. 36). É nesse empenho semiótico que ideologias participam ativamente na produção de significados sobre nossas práticas de linguagem (Keane, 2018). Esse aspecto não é trivial, pois é por meio da linguagem que agimos no mundo (Austin, 1962, Butler, 1997) e a reiteração de determinados discursos na arena política tem o poder de naturalizar vulnerabilidades sobre determinados corpos, o que nos demanda um fazer ético e político na observação-produção de significados na sociedade.

É partindo dessas questões que busco observar de que forma podemos perceber as produções linguístico-semióticas operacionalizadas nas políticas antigênero no que diz respeito à Linguagem Neutra⁵. Recorro, assim, a um arsenal teórico que busca dar conta dos aspectos semióticos que estão envolvidos na produção de significados na vida social. Nesse sentido, me valho dos trabalhos de Susan Gal e Judith Irvine (2000; 2019), que ao investigarem a relação entre linguagem e ideologia, apostam em três constructos analíticos que podem nos ajudar a perceber como se dá esse processo: a **Rematização**, o **Apagamento** e a **Recursividade Fractal**. Para nos aprofundarmos nessas noções, será necessário também mobilizarmos os conceitos de

⁵ Ultimamente alguns ativistas apostam no uso de termos como “linguagem não binária”, visto que o termo “neutro” pode apontar para uma ideologia que entende que a linguagem não faz parte de projetos políticos, de poder, de disputa e de perspectivas, o que não é caso para os ativistas que defendem tais usos linguísticos (ver seção 3 deste artigo).

Conjectura, Comparação e Perspectiva (Gal e Irvine, 2019) e de **Ideologia Linguística/Semiótica** (Keane, 2018).

Para explicar tais mecanismos semióticos nas políticas antigênero, proponho um estudo de caso com base em uma publicação da Deputada Clarissa Tércio eleita pelo estado de Pernambuco. Tércio uma deputada do Partido Progressista de centro-direita com 38 anos. Em suas redes sociais, como o *Instagram*, ela se descreve como “👤 Serva do Deus altíssimo, 💍 Esposa @pastorjuniortercio, 👩‍👧 Mãe de Clara e Alice, BR Deputada Federal por PE | BR 🇧🇷 🇧🇷”. Somente nessa rede social, a deputada acumula mais de 900 mil seguidores. Sua atuação acompanhou a progressiva subida da extrema direita ao poder nos últimos anos. Seu *post*⁶ foi publicado na plataforma do *Facebook* e traz uma denúncia sobre uma dita “doutrinação ideológica” provocada pelo uso da linguagem neutra em uma escola em Camaragibe - interior do estado de Pernambuco. O vídeo apresenta vários compartilhamentos e curtidas nas redes sociais e rapidamente foi disseminado em outras redes como o *WhatsApp* – meio pelo qual eu recebi o vídeo. O vídeo em questão foi publicado em maio de 2021. Seu sucesso foi tão grande que a deputada em 2022⁷ fez um *tbt*⁸. Como caminho metodológico faço uma análise multimodal⁹ buscando observar as diversas formas de semioses construídas nos dados em questão.

Para organizar meu argumento, na primeira parte deste artigo discuto a abordagem semiótica que guia nossas análises sob a ótica da **Conjectura, Comparação e Perspectiva**. Logo após, discuto as ideologias linguístico-semióticas que circunscrevem a produção de significados em questão e, em seguida, os processos de **Rematização, Apagamento e Recursividade Fractal**. Por fim, discorro sobre políticas de securitização na questão da linguagem neutra em conjunto com nossas reflexões em curso desta pesquisa.

⁶ Vídeo disponível em: https://www.facebook.com/clarissatercio/videos/925742871582461?locale=pt_BR. Último acesso em 18/05/2023.

⁷ Vídeo disponível em: <https://fb.watch/kC6J2ioWWX/>. Último acesso em 18/05/2023.

⁸ Sigla para “*throwback Thursday*”, isto é, “retorno para quinta-feira”. O termo é utilizado para realizar postagens cujo os conteúdos foram produzidos anteriormente.

⁹ Como transcrição utilizo uma tabela em que no lado direito coloco *prints* da tela do vídeo e no lado esquerdo a transcrição da fala. Para a transcrição oral, utilizo os símbolos convencionados em Jefferson (2004): (.) Entoação descendente; [,] Entoação contínua e [?] Entoação ascendente. Utilizo o mínimo de sinais possíveis, mantendo a compreensão textual como forma de produzir uma transcrição mais acessível.

1. Por uma abordagem semiótica: conjecturas, comparação e perspectiva

Charles Peirce (2003) é um dos principais teóricos da abordagem semiótica da linguagem. Um de seus maiores trunfos é entender que tudo aquilo que pode ser significado é um signo. Dessa forma, sua teoria nos lança para observar a linguagem como uma amálgama de recursos semióticos (Heller, 2010). Linguagem, assim, envolveria uma produção de significados que atravessa diversas materialidades de signos, sejam eles verbais, imagéticos, sonoros etc... Não à toa, Keane (2018) vem apostando na ideia de uma ideologia semiótica que guie nossos estudos ao entender que a complexidade da linguagem humana está justamente no caótico imbricamento entre os outros tipos de signos na construção dos sentidos.

Um dos tópicos centrais na discussão sobre como os significados são produzidos é a noção de **Conjecturas** de Peirce (2003) e revisitada por Gal e Irvine (2019). Segundo as autoras, para entendermos uma cena e produzirmos significado sobre ela, lançamos mão de suposições que vão se construindo em camadas. Esse é um trabalho intertextual, isto é, diversos textos que nos atravessam vão se agrupando nos fazendo projetar suposições sobre determinadas cenas. Tal processo é sempre indexical (Silverstein, 2003), ou seja, parte de como os signos apontam para contextos locais e translocais, como diria Butler (1997), a produção das cenas parte de uma “historicidade condensada”. Ter esse aspecto em mente é fundamental para entendermos como estamos a todo momento construindo mundos a partir de variadas suposições e como isso depende de uma gama de recursos sociolinguísticos-semióticos disponíveis na sociedade.

Os signos, sob essa perspectiva, não são isolados, mas fazem parte de contextos mais amplos de circulação e repetição de significados. As conjecturas se estabelecem por meio de uma quantidade de informações que vão se agrupando. Novos signos e novas informações podem alterar todo o processo de **Conjectura**, isto é, de suposições que fazemos sobre uma cena. Gal e Irvine (2019) para exemplificar esse processo semiótico falam sobre o exemplo de um asfalto molhado e suas diversas possibilidades de conjecturas. A depender dos sinais e informações, diversas suposições podem ser feitas como o asfalto molhado ser um índice de chuva; do vizinho ter lavado a calçada

ou regado a grama; um caminhão de abastecimento de água ter entornado durante seu trajeto. Todas essas possibilidades vão agrupando uma série de conjecturas possíveis que vão sendo construídas no contato com as cenas em que participamos em nossa vida social.



Figura 1: post do *Facebook*
Fonte: retirado do *Facebook*

Na postagem (Figura 1) de Tércio, no *Facebook*, por exemplo, vemos como ela conjectura, isto é, constrói suposições sobre as cenas que ela encontra no contexto escolar em questão. Para ela, os signos “**Bem-Vindes**” e “**Todes**” (que ela trata ao longo do vídeo) indicam, em um contexto mais amplo, uma cena de “ideologia de gênero”. Assim, essa amálgama de recursos materiais que encontramos em nossas vidas vão se tornando signos ao serem atribuídos significados nos processos semióticos. Esses processos estão ligados a uma série de conjecturas sobre o que determinados signos podem apontar e se conectar em uma intertextualidade com outros textos. É exatamente isso que a deputada produz em seu vídeo. Ao se deparar com o uso da linguagem neutra, a suposição que ela faz é que há naquela escola uma “**implementação de uma ideologia de gênero**”. Tal suposição implica, para ela, “riscos” às crianças apontando para uma ideologia de que a linguagem neutra, como parte de uma agenda de uma “ideologia de gênero”, seria a degradação das crianças atingindo não só a língua, mas os *status quo* da binaridade de gênero.

Toda essa dinâmica de conjectura envolve diretamente outras duas questões para Gal e Irvine (2019) que são a **Comparação** e a **Perspectiva**. Ao projetarmos

conjecturas o que fazemos é um empenho semiótico de comparação entre aquilo que estabelecemos enquanto suposição com outras possibilidades que podem ser possíveis, construindo, assim, a diferença. No vídeo de Tércio, por exemplo, vemos uma dinâmica de comparação entre a linguagem neutra como uma conjectura negativa às crianças, enquanto o dito português “padrão” seria positiva (ver figura 1). O trabalho de comparação forjado na conjectura é sempre perspectivado, isto é, diferentes conjecturas perpassam pela relação entre contextos mais amplos, contextos micros e a sua relação direta com quem a produz. Os significados são sempre intersubjetivos, um movimento que perpassa por uma relação posicionada de quem faz a conjectura com uma série de outros textos em circulação. Diferentes pontos de vista produzem diferentes suposições sobre as “mesmas” cenas e situações da vida. Esse trabalho implica na construção de qualidades que são enquadradas e organizadas a partir de eixos de diferenciação (Gal e Irvine, 2019). Enquanto a deputada conjectura esses usos linguísticos como “inimigos”, ativistas e outros pesquisadores de linguagem entendem como formas políticas de gerar inclusão e problematizar violências linguísticas (Borba, Hall, Hiramoto, 2020).

Esse ponto de vista se distancia de uma abordagem que busca verdades científicas e uma objetividade nas ciências, visto que o que é conjecturado depende de “quem”, “onde”, “quando”. É nesse sentido que um dos termos centrais na teoria de Gal e Irvine (2019) é o de ideologia/trabalho ideológico. Essa é uma visão que acompanha um grande programa de pesquisa contemporâneo que busca observar a relação entre linguagem e ideologia e que no qual as autoras se inserem. No próximo tópico discuto a ideia de ideologia linguístico-semiótica. Este movimento é importante visto que as formas com que construímos ideologias sobre a língua e a linguagem participam ativamente das formas com que colocamos em jogo o nosso trabalho semiótico. Assim, falar sobre as práticas de linguagem é sempre um movimento discursivo-semiótico que envolve questões culturais, políticas e interessadas.

2. Ideologias linguísticas-semióticas: O “Outro” Perante O “Nós”

Olhar para a relação entre linguagem e ideologia é algo que tem direcionado muitos estudos na antropologia linguística. Silverstein (1979) é tido como o precursor desse paradigma de pesquisa que hoje avança cada vez mais, visto os problemas sociais,

políticos e econômicos que nos atingem discursiva e materialmente. Olhar para as ideologias linguísticas é perceber como tudo aquilo que se diz sobre a língua/linguagem é movido por forças ideológicas, políticas e de poder. Ideologias linguísticas são movidas, assim, por crenças e racionalizações que produzimos sobre as estruturas linguísticas e pragmáticas da linguagem. Silverstein (1979) ressalta a metapragmática como um dos fatores fundamentais na produção de ideologias linguísticas, visto que essa capacidade da linguagem envolve o que é pragmático (aquilo que dizemos/fazemos) e metapragmático (como refletimos sobre os usos linguísticos discursivos). Dessa forma, toda produção ideológica sobre a língua perpassa por um labor reflexivo que cria categorias, avaliações, hierarquias. Pensar nisso é importante, pois, como ressalta Rosa (2018: 7), “o comentário metalinguístico e metapragmático serve para conectar o uso da linguagem e a estrutura social e, de fato, leva à mudança linguística”. É importante ressaltar que quando dizemos “linguagem”, estamos colocando em foco não somente os sistemas verbais de signos, mas todas as formas semióticas que se envolvem na produção. Ideologia linguístico-semiótica, dessa forma, é um gesto radical de pensar a produção de sentido sobre “toda a gama de possíveis veículos de signos e as modalidades sensoriais que eles podem envolver, incluindo som, cheiro, toque, movimento muscular, dor, afeto e outros fenômenos somáticos” (Keane, 2018: 64).

Um adendo a ser feito é que ideologia não deve ser significada como falsidade. Como destacam Gal e Irvine (2019) e Irvine (2022), precisamos compreender esse termo como uma visão parcial do mundo, uma vez que a ideologia é “incompleta porque existem outras formas de vê-lo; mas também parcial no sentido de (politicamente) interessado, vindo de uma posição de sujeito especificados com um ponto de vista e projetos de ação social” (Irvine, 2022:5). Pensar sobre esse viés nos faz entender que os entendimentos forjados sobre uma língua não são neutros, mas fazem parte de projetos políticos, econômicos, culturais e históricos. Esse pressuposto ontoepistemológico rompe com “as presunções sobre a natureza discreta, empiricamente objetiva e auto apresentável – a sempre já reconhecível – das formas linguísticas que sustentam uma grande quantidade de estudos sobre a linguagem” (Rosa, 2018, p. 2). Dessa forma, não há como pensar em linguagem como transparente. Conforme Keane (2018: 67),

o conceito de ideologia semiótica chama nossa atenção para as muitas maneiras (desde tácitas até totalmente explícitas) nas quais as suposições sobre o que os signos são contribuem para a maneira como as pessoas os usam e interpretam e, com base nisso, formam julgamentos de valor ético e político.

Para entender melhor o que estou dizendo, podemos observar a legenda que introduz o vídeo da denúncia. Ao falar sobre a linguagem neutra, o que parece estar em questão não é propriamente o seu uso linguístico, mas as discussões de gênero que elas evocam. Dessa forma, a disputa sobre as ideias de língua são também parte de agendas políticas que não falam somente de uma forma linguística, mas de grupos sociais (Rosa, 2018; Kroskrity, 2000) – neste caso de pessoas que não atendem uma matriz heterocis-normativa. De forma mais clara, ao falar da linguagem neutra como um “inimigo” da família e das crianças, a deputada traça, semioticamente, aqueles que aderem esse tipo de linguagem como inimigos e, assim, forja um “Outro” perante um “nós” que deve ser combatido em uma comparação. Percebemos, por meio disso, que a diferenciação linguística promove “propriedades semióticas desses processos de formação de identidade que dependem da definição do ‘eu’ em oposição a um ‘Outro’ imaginado” (Irvine e Gal, 2000: 39). No entanto, elas fazem parte de projetos de poder, pois estão ligadas a “esquemas conceituais de ideologias porque estão impregnados de questões políticas e morais que permeiam o determinado campo sociolinguístico e estão sujeitos aos interesses da posição social de seus portadores” (Irvine e Gal, 2000: 35).

3. Eixo de diferenciação: Rematização, Apagamento e Recursividade Fractal

Nessa seção procuro mostrar, a partir de trechos do vídeo, como essas diferenciações linguísticas se dão por meio da **Rematização, Apagamento** e, por fim, a **Recursividade Fractal**. O vídeo da deputada Clarissa Tércio é iniciado por ela apontando para uma faixa que está exposta no pátio de uma escola. Ela utiliza recursos sociolinguísticos muito comuns em reportagens investigativas. Com o recurso de fotos, por exemplo, a deputada mostra “provas” de um “crime”. Em uma sequência de imagens, ela aponta para as imagens em sua mão e diz: *“Isso aqui não é português”*. Os dêiticos expostos na frase - isso aqui - apontam para a linguagem neutra, ao mesmo tempo em que a diferencia, por meio da linguagem, o que seria o dito “português”. Esse

processo parte do que chamamos de **Rematização, Apagamento e Recursividade Fractal**.

Deputada	<p>Tá vendo essa faixa aqui? Bem-vindes. Nós recebemos uma denúncia. Eu estou aqui em uma escola em Camaragibe, escola professor Nelson Chaves. A gente já fez a denúncia. Isso aqui não é português.</p>	
----------	---	---

Tabela 1: “Tá vendo essa faixa bem aqui”¹⁰

Como *Rematização*, entendo como um processo que conecta uma variedade linguística-discursiva-semiótica à uma imagem social de forma que essa conexão ganha formas de “natureza” ou “essência” (Irvine e Gal, 2019). Anteriormente as autoras utilizavam o termo “Iconização”, no entanto, atualmente elas preferem o uso de rematização, visto que o processo que elas descrevem não é simplesmente o processo de iconização, mas sim a transformação de “índice” para “ícone”. O índice diz respeito a uma relação de causalidade, ou seja, para o que determinado signo aponta. Um exemplo clássico é a fumaça que pode ser tida, a depender do contexto, como índice de que há fogo (cf. Pierce, 2003). Já o ícone se refere a uma semelhança entre o sinal e objeto (cf. Pierce, 2003). Dessa forma, a rematização é o processo que na dinâmica social faz determinados signos se tornarem icônicos, ou seja, não só índices que apontam para algo, mas uma representação icônica com *status* de essência (Gal, 2013; Gal e Irvine, 2019; Keane, 2018). A rematização, nesse sentido, diz respeito não só do

¹⁰ Fonte: o autor

que resulta a iconização, mas justamente do processo em que um registro - um conjunto de signos que se conectam a um grupo, identidade, estilo de fala e etc – passa de índice, isto é, de apontar, para ser o próprio estado natural das coisas. Assim, a rematização, partindo do conceito de rema de Peirce (2003), “consiste na regularidade ou hábito de construção de sentido em que um objeto-signo é considerado um ícone” (Sicoli, 2014: 448), ou seja, é um processo que dá conta da naturalização de significados na vida social a partir da repetição de determinados entendimentos pelos usuários. Nas palavras de Keane (2018: 75), por exemplo,

A rematização é uma mudança de foco do indicial para o icônico. Como resultado de tal processo, por exemplo, um registro de fala seria tomado por um ouvinte não para indexar uma persona social, mas sim para ser icônico dela. O propósito de tais distinções analíticas é oferecer um relato preciso da naturalização na vida social. Um registro considerado icônico pode, por exemplo, parecer fornecer informações sobre a verdadeira essência do falante. Em contraste, se for considerado indexical, em princípio pode apontar apenas para certas correlações entre os falantes, seus modos de falar e suas circunstâncias. Nessa visão, a variação da fala pode ser interpretada meramente como o produto de escolhas intencionais de um falante, efeitos específicos do contexto ou mesmo acaso, e não como evidência de sua verdadeira identidade social ou caráter pessoal. De tais distinções giram muitos julgamentos éticos e políticos cotidianos.

É esse o processo que vemos de forma explícita no comentário metapragmático de Tércio ao dizer “isso não é português”. Esse movimento discursivo conecta uma variedade linguística a um estado “natural” e essencial do que pode ser tido como “português”. Essa dinâmica semiótica parte de uma seleção de “qualidades supostamente compartilhadas pela imagem social e pela imagem linguística, a representação ideológica, em si um signo, as une em uma ligação que parece ser inerente” (Irvine e Gal, 2000: 37-38). Ao traçar determinada variedade como a “língua padrão”, o que se opera semioticamente é a escolha de determinados registros linguísticos que fazem parte de um grupo social. Conforme Irvine e Gal (2000: 37), a escolha por essas características é “histórica, contingente ou convencional”. Por outro lado, essa diferenciação também projeta modelos metapragmáticos que caracterizam quem usa a linguagem neutra. Esses modelos se conectam à uma *assemblage* de signos que constroem determinados grupos sob dinâmicas morais, normas estéticas e ideológicas (Borba, 2022). Quando se fala sobre a língua, o que operamos é uma vinculação de determinados registros às construções discursivo-semióticas sobre determinados grupos. É dessa forma que as conjecturas funcionam: a linguagem

neutra é tida como degradação porque se projeta que os grupos que as utilizam também seriam, logo, tudo aquilo que é conectado a tal grupo é enquadrado em um mesmo modelo metapragmático (Borba, 2022).

Levando em consideração os processos de colonização e sexismo em nossa sociedade, as escolhas linguísticas da língua rematizada obedecem a matrizes brancas, héteras, cisgêneras e patriarcais que não condizem com a pluralidade linguística que vivenciamos, o que reforça ideais monolíngues. Para ganhar um corpo de algo natural e essencial, essa rematização sempre perpassa por uma simplificação do campo sociolinguístico, visto que, para que ela ganhe força, é necessário apagar – outro processo semiótico, características que possam ameaçar o *status* icônico da língua enquanto essencial, pura e homogênea. Ao apagar determinadas variedades e registros linguísticos, como apontam, Irvine e Gal (2000) e Gal e Irvine (2019), não se apaga somente a língua, mas também aqueles que fazem uso dela.

Deputada	Olha você aí pai, olha você aí mãe, o que seus filhos estão aprendendo na escola. Isso aqui é só a ponta do iceberg. Talvez você questione, mas é só uma pequena mudança em uma letra. Sabe o que isso aqui significa? Não é apenas isso, isso aqui significa que seus filhos estão sendo doutrinados lá dentro das salas de aula.	
----------	--	--

Tabela 2: “olha você aí pai”¹¹

A partir de recursos multissemióticos, a produção do ideal de língua, do português no vídeo da deputada, por exemplo, é atravessada por imagens da bandeira LGBT e por outros *frames* de passeatas feministas (excerto 2). Isso reforça que o

¹¹ Fonte: O autor.

apagamento linguístico da linguagem neutra não é motivado apenas por questões linguísticas ou de conservação da língua – como se isso fosse possível – mas por um apagamento de outros grupos que não atendem a heterossexualidade compulsória. Conforme a própria deputada coloca, **“talvez você questione, mas é só uma pequena mudança em uma letra. Sabe o que isso aqui significa? Não é apenas isso, isso aqui significa que seus filhos estão sendo doutrinados lá dentro das salas de aula”**. Assim, a linguagem neutra é vista dentro de um projeto que não só ameaça o *status* de língua, mas também os ideais binários e sexistas de gênero e sexualidade. Para preservar tais ideologias, apaga-se a linguagem de tal grupo do campo linguístico.

Além da **Rematização** e do **Apagamento**, a diferenciação linguística também se vale do que Irvine e Gal (2000) e Gal e Irvine (2019) chamaram de **Recursividade Fractal**. Esse conceito é definido como “uma oposição, saliente em algum nível da relação para algum outro nível” (Irvine e Gal, 2000, p. 38). Essa posição projeta dicotomias que criam níveis de oposição entre grupos e variedades linguísticas. Esse aspecto faz com que um dos lados construa uma imagem positiva a partir de sua diferenciação relacional com o outro. Se observarmos o vídeo que está sob análise, percebemos que a linguagem neutra é tida como um inimigo, o que gera uma divisão em dois polos em uma dinâmica de comparação: **“linguagem neutra/inimigo”** e **“português padrão/vítima”**. Essa dicotomização esconde, ainda, outros níveis que ocupam as camadas ideológicas das produções desses significados: **“pessoas que não atendem as normas de gênero e sexualidade/inimigos”** versus **“heterossexualidade/vítimas”**. Assim, as dinâmicas semióticas da **Recursividade Fractal** vão das dicotomizações mais amplas até às mais restritas em um movimento *ad infinitum*.

Essas diferenciações linguísticas se valem de uma rede de valores, de crenças e da circulação para que ganhem estabilidade na vida social. Tais ideologias geram efeitos materiais que mobilizam políticas públicas e diversas audiências. Se observarmos a fala de Tércio, os usos linguísticos, através dos dêiticos **“você”** e **“aí”**, exploram esse potencial. O vídeo, ao ser publicado em suas redes sociais, busca conversar diretamente com a sua base de eleitores e outros que possam ser interpelados pelo conteúdo. Ao dizer **“olha você aí pai, olha você aí mãe”**, **“talvez você se questione, mas é só uma pequena mudança em uma letra”**, a

deputada coloca em uso uma “metapragmática reflexivamente calibrada, ou seja, uma tentativa de controle de interpretação de uma fala determinada em sua realização ou sua resposta” (Pinto, 2019, p. 226) que é, nesse caso, sobre as ideologias linguísticas que estão em disputa no terreno sociolinguístico analisado. Dessa forma, sua fala caminha em duas direções: a primeira é fomentar aqueles que já entendem a linguagem neutra como inimigo e a segunda é alcançar aqueles que ainda não foram convencidos desse argumento. Com isso, a deputada explora de antemão possíveis questionamentos sobre a sua denúncia se valendo de ideologias que já circulam em determinadas etnometapragmáticas – entendimentos que fazem parte de um determinado grupo ou cultura – com o uso dos processos semióticos de **rematização**, **Apagamento** e **Recursividade Fractal**.

Conforme, Irvine e Gal (2000; 2019) as ideologias linguísticas não são únicas, mas estão sempre em disputas e os significados projetados dependem de quem os recebe em um processo de entextualização. Segundo Bauman e Briggs (1990), a entextualização é a capacidade de um signo ser extraído de um contexto e transportado para outro. Nesse movimento, os textos passam por um processo de descontextualização e recontextualização mantendo algumas características do contexto anterior, mas ganhando novos significados nessa trajetória. O vídeo, por exemplo, entextualiza outros vídeos criando outras metapragmáticas além do seu contexto de “origem”. Clarissa Tércio, na produção de sua retórica, utiliza-se de falas de ativistas e personalidades da mídia explicando ou utilizando o uso do pronome neutro. Podemos ver trechos de vídeos de Karol Conka no *Big Brother* Brasil, e das atrizes Giovanna Ewbank e Bruna Linzmeyer. O novo contexto aponta para outras redes de valores que não estavam na etnometapragmática dos contextos anteriores. Esse trabalho de interpretação coloca em jogo que os textos, ao viajarem, podem ser significados a partir de outras ideologias (Irvine e Gal, 2019). Se antes a linguagem neutra dos vídeos utilizados era vista como possibilidade de resistência aos padrões hetero-patriarcais da língua, no vídeo da deputada os signos são colocados, em lógica invertida, como uma violação da língua e das crianças. A partir da linguagem cria-se uma diferenciação relacional. Dessa forma, a deputada cria vários comentários metapragmáticos ao longo do vídeo como, por exemplo, **“isso não é português”**. Esse comentário rematiza uma variação do português, nesse caso o dito “português” padrão. Ao produzir isso semioticamente, o que se faz é apagar outras possibilidades

de manifestações linguísticas e de vivências que não atendem aos aspectos hegemônicos. Assim, torna-se necessário observarmos como esse arsenal semiótico se concretiza em nossas práticas cotidianas.

4. Securitização: notas em curso sobre as políticas antigênero no Brasil

Como vimos, as ideologias discursivo-semióticas fazem parte de um processo mais amplo de diferenciações semióticas que são atravessadas por conjecturas, comparações e perspectivas (Gal e Irvine, 2019) e ideologias linguístico-semióticas (Rosa 2018, Keane, 2018, Silverstein, 1979, Irvine e Gal, 2000, Irvine, 2022 e outros). Três chaves analíticas são fundamentais no fazer semiótico da diferenciação: A **Rematização**, o **Apagamento** e a **Recursividade Fractal** (Irvine e Gal, 2000; Gal e Irvine, 2019). Foi a partir dessas lentes teóricas que pude perceber como projeções de significados dinamizadas dizem respeito não somente à língua, mas também aos grupos dos quais esses usos linguísticos-discursivos são indexados e para ideologias que visam a manutenção de dinâmicas binárias e heterossexuais. É nesse sentido que a linguagem neutra se conecta a um Fractal mais amplo, o da “ideologia de gênero”. Assim, tudo aquilo que aponta pessoas que subvertem lógicas hegemônicas de gênero e sexualidade é tido como inimigo e suas formas linguísticas estão inclusas.

Nessa empreitada antigênero, lança-se mão de estratégias que visam o apagamento de variedades linguísticas do campo sociolinguístico que apontem para tal grupo. Entender esses movimentos discursivos é extremamente importante na batalha pela equidade de gênero, visto que "ao explorar as ideologias da diferenciação linguística, estamos preocupados não apenas com a estrutura das ideologias, mas também, e principalmente, com suas consequências" (Irvine e Gal, 2000: 36). As consequências colocadas, aqui, são a derrocada de direitos para pessoas que são simbólica e materialmente vulnerabilizadas pela língua e por significados que produzem violências àqueles que não atendem às normas.

Para Rampton, Silva e Charalambous (2022), esses movimentos políticos em torno da linguagem fazem parte de um campo de securitização e (in)segurança provocada pela ascensão da extrema direita no mundo. Os autores argumentam, com base em Huysmans (2014), que a (in)securitização projeta “inimigos” de forma a deslocar os princípios do que entendemos como “democracia”, “liberdade” e “justiça”.

No entanto, o que é dito como projeto de segurança para uns, na verdade provoca insegurança para outros. Essas (in)securitizações atravessam o campo físico e simbólico construindo barreiras semiótico-linguísticas. Essa é uma chave de entendimento que anda junto com forças econômicas e políticas. Não à toa, o vídeo que analisei, da então denúncia da Deputada, funciona como um incremento em suas dinâmicas políticas institucionais que produz capital político em suas redes sociais.

Os projetos de securitização catalisam ideologias que circulam na sociedade, as intensificando através do medo. Modos de governança do nosso ser, saber e poder na sociedade são criados e amplamente reiterados por meio de ideologias ultranacionalistas e de pureza linguística que servem na manutenção de forças coloniais que ainda persistem (Borba, 2022), pois a (in)securitização da linguagem é mais sobre securitização de corpos do que das “línguas”. Como vemos no Brasil recente, frequentemente entram em pauta projetos de leis que visam a proibição da linguagem neutra nas escolas e em documentos oficiais do governo em vários estados e cidades do país como o projeto de lei 198/2023 que visa proibir o uso da linguagem neutra na educação básica. Tércio, a deputada cujo o vídeo foi analisado, por exemplo, diz em um dos trechos do seu vídeo **“procurei a diretora responsável, conversei com ela, ela foi informada que está sendo denunciada ao Ministério Público de Pernambuco e também à Secretaria Estadual de Educação. Nós estaremos nas ruas lutando incansavelmente para que aqui em Pernambuco essa linguagem neutra e esse tipo de lixo ideológico não avance. Isso aí é querer plantar confusão na cabeça de nossas crianças e dos nossos adolescentes”**. O STF está barrando algumas tentativas de implementação desse tipo de lei, no entanto, esse *modus operandi* regulatório da linguagem está em todas as esferas, como pode ser visto em interdições do uso de “todes” em uma plenária em homenagem ao dia das mulheres, dados que Santiago e Viol (no prelo) analisam em uma de suas pesquisas.

Nesse sentido, é preciso que estejamos atentos aos mecanismos semióticos que constituem esses projetos políticos de poder que invadem o debate público sobre linguagem na naturalização de desigualdades. Assim, tomei o vídeo de Clarissa Tércio como objeto de análise como forma de observar de que maneira esses processos de significação têm se constituído nas arenas políticas do debate gênero, sexualidade e linguagem. Enquanto analistas é importante andamos juntos à uma agenda ética de

pesquisa que nos permita colocar em jogo chaves analíticas que galgam a desconstrução de significados que provocam insegurança a quem não atende a essas normas, colocando-os sob regimes de vigilância e silenciamento.

Referências Bibliográficas

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1962

BUTLER, J. *Excitable speech*. A politics of the performative. New York, Routledge, 1997.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual Review of Anthropology*, n. 19, 1990, p. 59-88.

BORBA, R. Gendered politics of enmity: language ideologies and social polarisation in Brazil. *Gender and Language*, 13 (4) 423-448, 2019. Disponível em: <https://journal.equinoxpub.com/GL/article/view/14579>. Acesso em:

BORBA, R. Enregistering ‘gender ideology’: the emergence and circulation of a transnational anti-gender language. *Journal of Language and Sexuality* 11(1): 57-79, 2022. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/jls.21003.bor>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

BORBA, R; HALL, K; AND HIRAMOTO; M. Feminist refusal meets enmity. *Gender and Language* 14(1): 1-7, 2020. Disponível em: <https://journal.equinoxpub.com/GL/article/view/17756>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

GAL, S., IRVINE, J. *Signs of difference: language and ideology in social life*. CUP, 2019.

GAL, S. Gender and the discursive authority of far right politics. *Gender and Language* 15(1): 96-103, 2021.

GAL, S. “Tastes of Talk: Qualia and the Moral Flavor of Signs.” *Anthropological Theory* 13 (1/2), 2013, 31-48

GRAFF, A; KOROLZCUK, E (Orgs.). *Anti-gender Politics in the Populist Moment*. London and NY: Routledge, 2022.

HELLER, M. Language as resource in the globalized new economy. In: COUPLAND, N. (Orgs.). *The Handbook of language and Globalization*. Nova York: Wiley-Blackwell, 2010, p. 347 - 365.

Huysmans, J. *Security Unbound: Enacting Democratic Limits*. Routledge, 2014.

LAVIZZARI, A; PREARO, M. The anti-gender movement in Italy: Catholic participation between electoral and protest politics. *European Societies*, 21(3), 2018, 422-442. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14616696.2018.1536801?journalCode=reus20>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

KEANE, W. On Semiotic Ideology. *Signs and Society*, vol. 6, no. 1, 2018, p. 64-87.

KOVÁTS, E. The Emergence of Powerful Anti-Gender Movements in Europe and the Crisis of Liberal Democracy. In: Köttig, M., Bitzan, R., Petö, A. (eds) *Gender and Far Right Politics in Europe. Gender and Politics*. Palgrave Macmillan, Cham, 2017, p 175-189.

KUHAR, ROMAN AND PATERNOTTE, DAVID (eds). *Anti-Gender Campaigns in Europe: Mobilizing Against Equality*. New York: Rowman & Littlefield, 2017.

IRVINE, J. Revisiting theory and method in language ideology research. *Journal of Linguistic Anthropology*, 32 (1), 2022, 222-236. <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jola.12335>

IRVINE, J., & GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In. KROSKRITY, P. (ed.), *Regimes of language: Ideologies, politics and identities* (pp. 35-84). School of American Research Press, 2000.

JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an introduction. (In) G. H. Lerner, ed. *Conversation Analysis. Studies from the first generation*. Amsterdam: John Benjamins, 2004 p. 13-31.

KROSKRITY, P. (ed.) *Regimes of language: Ideologies, politics and identities* (pp. 35-84). School of American Research Press, 2000.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. 3. Ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003

SILVA, D. N.; DZIUBA, A. Reclaiming presence: Anti-gender nationalism and Marielle Franco's deictic field of resistance in Brazil. *Gender and Language*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 54-76, 2023. DOI: 10.1558/genl.18549. Disponível em: <https://journal.equinoxpub.com/GL/article/view/18549>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

RAMPTON, B.; SILVA, D. N.; CHARALAMBOUS, C. Sociolinguistics and (in) securitisation as another mode of governance. In: *Working Papers in Urban Language & Literacies*. 2022. Disponível em: <https://wpull.org/product/wp293-sociolinguistics-and-insecuritisation-as-another-mode-of-governance/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

SANTIAGO, L. F. O; VIOL, G. V. Entre o silenciamento e a resistência da mulher na política: ideologias, escalas, cronotopos, dominação e controle em uma sessão parlamentar, no prelo.

SICOLI, M. A. Ideophones, rhemes, interpretants. *Pragmatics and Society* 5:3, 2014, p. 445–454. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/ps.5.3.08sic>. Acesso em 22 de janeiro de 2023.

SILVA, D. C.P. *A linguagem contra a democracia: registros discursivos antigênero na política do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos*. 2022. 321 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/17346>. Acesso em 22 de março de 2023

SILVERSTEIN, M. Language structure and linguistic ideology. In. P. Clyne, W. Hanks, & C. Hofbauer (eds.). *The elements: A parasection on linguistic units and levels* (pp. 193-247). Chicago Linguistic Society, 1979.

_____. Indexical order and the dialectics of social life. *Language and Communication* 23, 2003, p. 193–229.

ROSA, J. *Looking like a language, sounding like a race: Raciolinguistic and the learning of Latinidad*. OUP, 2018.

Artigo recebido em 06 de junho de 2023.

Artigo aceito para publicação em 02 de setembro de 2023.